

PAISAGEM: A MEDIDA, A IMENSIDÃO¹

Karina Dias

karinadias.net@gmail.com
Universidade de Brasília - UNB

ISSN 2316-6479

Resumo

Até onde o contorno da paisagem resiste? Qual o limite para a sua visibilidade? Qual seria a distância mínima possível entre o horizonte e o chão, entre o horizonte e a terra, entre o céu e a terra que seria suficiente para se ter/ver uma paisagem? Que detalhe corriqueiro seria capaz de armazenar o horizonte? Se a paisagem é um deslocamento do olhar que alia o lado objetivo do mundo e a subjetividade daquele que contempla, filmá-la é capturar o seu traçado que projetado, converte a medida de um olhar em uma imensidão.

Palavras-Chave: paisagem, horizonte, olhar, vídeo.

Abstract

Until where does the outline of landscape resist? What is the limit of its visibility? What would be the minimum possible distance between the horizon and the ground, between the horizon, the sky and the earth in order to one have/see a landscape? What daily detail would be able to keep the horizon? If the landscape is a displacement of the look that links the objective side of the world and the subjectivity of the one who contemplates, to fix it is to capture its trace that when projected, converts the measure of a look in a vastness.

Key-word: landscape, horizon, look, vídeo.

A medida: o olhar

Sabemos que a paisagem é um ponto de vista, logo tributária de um certo modo de olhar. A maneira como cada um de nós percorre os espaços e os interpreta é íntima e pessoal. Dessa solitária experiência, nosso olhar seleciona, fragmenta o que nos envolve, capta e (re)ordena detalhes que compõem a nossa reserva de imagens vividas que ecoam os elos estabelecidos com o mundo que nos cerca. O espaço designado pelos olhos daquele que contempla, compõe a paisagem, a sua paisagem.

Medida do olhar que silencia o ruído, ela tem a duração de um ponto de vista. Este, originário de um movimento da visão que inclui ver e não ver, que evoca o detalhe e não o panorama. Por não sermos onividentes, elegemos o que vemos ou o que desejamos ver. Nesse movimento, a paisagem se configura

¹ O presente artigo é um desdobramento da palestra proferida pela autora no Museu da República de Brasília intitulada Vídeo-paisagem: a medida, a imensidão em 16/08/2012.

como recorte e horizonte, como moldura do olhar e o que dela escapa para redesenhar o seu contorno... múltiplas maneiras de ver, de se ver o/no mundo.

Nesse processo que é o movimento do olhar, nós “sobrevooamos” o espaço que nos envolve, escrutamos os seus detalhes, muitas vezes, excessivamente banais. Nós os capturamos um após o outro, fragmento por fragmento, concebendo assim as nossas paisagens vividas. O movimento parece ser sempre o mesmo: circulamos ao largo, em um extenso panorama, ao mesmo tempo, em que cerramos continuamente o nosso olhar – mirando, fitando as porções que nos afetam, estabelecendo uma relação de proximidade e intimidade. As paisagens se compõem, então, desses pontos de contato e desses pontos de vista, entrelaçados um após o outro.

Nesse ritmo do mundo que nos implica e nos une aos espaços de todos os dias, que revela pontos de vista em paisagem, somos como antropófagos². Devoramos o mundo que nos cerca para nos satisfazer: estamos imersos e estabelecemos as relações singulares que nos farão tomar partido, tomar parte do que nos cerca. Eterna ruminação do visível em que ver a paisagem, é se deixar impregnar pelo detalhe que faz o espaço ecoar: uma determinada luz, um evento inesperado... tantos elementos que podem deslanchar o nosso apetite visual.

O olhar no sentido aqui formulado não é tautológico, homogêneo ou constante. Ao contrário, ele exerce sua força na descontinuidade, na fragmentação e em suas idas e vindas: o que é mirado sempre vem acompanhado do que ficou velado. Entre as modulações do olhar, as paisagens vão se formando.

Porque não podemos ver tudo, porque nosso olhar não é soberano e nem capaz de apreender todas as nuances do mundo visível, de tudo cartografar, de traçar as rotas e os caminhos que nos conduziriam a uma visibilidade absoluta, ver a paisagem, é ver a falha, encontrar a fresta, é perceber que os limites da nossa visão são turvos e móveis, que a “descrição do visível nem sempre é a descrição do claro e do distinto. Ela pode ser a descrição exata do embaçado, do indistinto, do velado”. (LASCAUX, 1992, p.26)

A paisagem, como escreve Gérard Wajcman (WAJCMAN, 2004, p.80) é o olho que avança, é o traçado do olho na espessura do mundo. A paisagem é mais do que um simples ponto de vista ótico; ela é ponto de vista e ponto de contato, pois, nos aproxima distintamente do espaço, cria um elo singular, nos entrelaçando aos lugares que nos interpelam. Certamente, a paisagem deriva de um enquadramento do olhar, alia o lado objetivo e concreto do mundo e a subjetividade do observador que a contempla, é uma experiência sensível do espaço, a imagem de um mundo vivido.

2 A relação entre o visível e a antropofagia é desenvolvida no meu livro intitulado *Entre visão e invisão: Paisagem (por uma experiência da paisagem no cotidiano)*.

A imensidão: um horizonte

Se a paisagem é a medida do olhar, contemplá-la é percebê-la como a falha que nos incita a recompor o mundo a nossa volta, a entrever um horizonte. Um horizonte sempre cambiante e (in)visível, conhecido e pressentido, a um só tempo, limite e limiar, (im)possível de apreender porque não cessa de recuar a medida em que avançamos em sua direção. Como, então, alcançar aquilo que não se deixa capturar, tornar próximo aquele longínquo que (nos) chama? Pensar a paisagem em sua imensidão é pensá-la em um horizonte, aquele que não unifica apenas os elementos em um conjunto harmonioso, mas que insiste em revelar-se como um recorte sempre em constituição.

Paisagem fabulosa, horizonte fabuloso (COLLOT, 1998) ambivalentes, porque sinalizam o limite do olhar, do seu alcance, para revelar o que daí se desenha. Ao mesmo tempo, atestam que para além deste contorno, o mundo continua, que esse desenho não se esgota em meu ponto de vista, estendendo-se para além do que do que se vê para tornar-se a paisagem vista/vivida por outrem. Para além do horizonte está o (in)visível que nos acompanha, a imensidão que se faz sentir.

O horizonte aqui é como um traço de união que alia o observador e o espaço a sua volta e a paisagem, cria a versão que torna possível a nossa experiência no mundo, que a torna mensurável porque a percebemos com o nosso corpo. Visão/versão encarnada em um corpo que sente porque olha, que olha porque conhece e que conhece porque percebe. Nesse movimento, solicitamos a paisagem para que o mundo a nossa volta tenha lugar, adquira a medida do nosso olhar, a escala de nossas percepções.

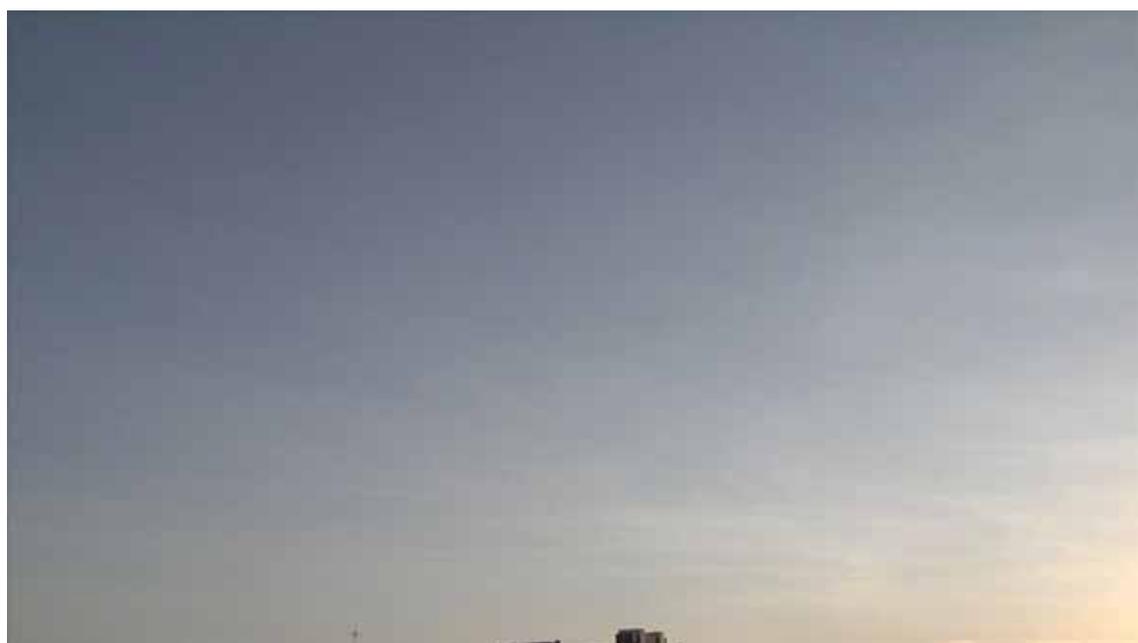
O horizonte torna a paisagem mensurável, ao mesmo tempo em que nos posiciona como observadores do limiar, e esse lugar parece ser aquele que nos situa no limite. Estar no limite, no limiar, é estar no momento preciso em que estamos em uma zona de estranhamento - nem lá e nem cá, aqui e ali - que separa o agora do outrora, o presente do vir-a-ser, que possibilita que o tempo seja sempre outro. Estar no limiar de uma visibilidade que convoca, é estar no intervalo que parece nos suspender no espaço e no tempo, nos lançando em uma imensidão, como sabemos, sempre íntima. Esse intervalo vacante, hesitante eu diria, nos posicionaria, então, na iminência de ver outra coisa, *“outra coisa, outra coisa sem que houvesse nem distância, nem ar, nem movimento; o longínquo que irrompe, que chama”*. (JACCOTTET, 1976, p.40)

A paisagem: elevação

Elevação é uma vídeo-projeção, realizada em 2011, com duração de 1'52", que apresenta uma vista da Esplanada dos Ministérios, a região mais conhecida de Brasília. Até que este lugar emblemático apareça, o céu azul domina a visão. Os planos se desenrolam do vasto céu ao chão, numa transição que faz despontar detalhes da paisagem conhecida: as pontas da Catedral, os tetos dos edifícios... à medida que os detalhes se revelam, o horizonte construído vai se desenhando.



Karina Dias, *Elevação*, 2011, videoprojeção, 2", detalhe



Karina Dias, *Elevação*, 2011, videoprojeção, 2", detalhe



Karina Dias, *Elevação*, 2011, videoprojeção, 2", detalhe



Karina Dias, *Elevação*, 2011, videoprojeção, 2", detalhe



Karina Dias, *Elevação*, 2011, videoprojeção, 2", detalhe

Elevação em astronomia é sinônimo de altura, uma das coordenadas do sistema de coordenadas horizontais, que mede a separação angular entre o plano do horizonte numa dada localidade e um ponto da esfera celeste. Partir do céu rumo ao chão é, por alguns instantes, ter outros olhos, aqueles que elegem escrutar a verticalidade para alcançar o horizonte, lá, onde a terra e o céu se tocam (CORAJOURD, 1995, p.115). Nesse movimento descendente, em queda, a câmera nos conduz do (in)tocável céu rumo à cidade habitada.

O trabalho interroga a noção de horizonte, se debruça sobre o limite da paisagem: até onde o contorno da paisagem resiste? Qual o limite para a sua visibilidade? Qual seria a distância mínima possível entre o horizonte e o chão, entre o horizonte e a terra, entre o céu e a terra que seria suficiente para se ter/ver uma paisagem?

O (re)corte mínimo aqui utilizado se inspira nos estudos de céu do pintor inglês John Constable que, em 1821, se instala em Hampstead, ao norte de Londres, e realiza aí, entre os anos de 1821 e 1822, uma centena de estudos do céu e das nuvens, muitos dos quais não possuem nenhuma referência terrestre. Seu desejo era pintar “a história natural dos céus”³.

As nuvens de Constable concentrariam aquilo que vemos e aquilo cuja existência, apesar de não vermos, pressentimos: a escala da paisagem que se completa pelo que está abaixo do céu. Lançando seu olhar para o alto, o pintor dirige o nosso para baixo, a paisagem então ganhará, em função das lembranças de nossas experiências espaciais, um contorno mental, íntimo a cada espectador. Esta sensação está presente também nos estudos em que Constable representou algumas pistas que indicam um “lá embaixo” (in)visível. Em alguns trabalhos, o pintor deixa aparecer um ou mais cumes de árvores, associando o céu a um lugar, ancorando as nuvens a um território, reunindo o que era, anteriormente, um fragmento isolado, pura dispersão. Em seus estudos/obras, a presença do horizonte é sentida, tornando-se quase mensurável.

Da preocupação inicial em observar o céu, em registrar aquilo que é movimento por excelência, para em seguida mostrá-lo como um panorama a ser visto, vemos aparecer alguns pontos de referência. Talvez o pintor, por conhecer tão bem os lugares por ele pintados, pôde destrinchar o espaço dessa maneira. Porque pertencia em demasia, soube se aproximar do que não se fixa, daquilo que não se deixa “pertencer”.⁴

3 Essa história dos céus era composta pela observação dos fenômenos, por sua representação e por uma série de anotações muito precisas realizadas no verso das obras. Tais observações nos informam sobre as circunstâncias meteorológicas nas quais os fenômenos foram observados e as obras executadas. O artista/meteorologista não se contentava apenas em registrar de forma pictórica aquilo que ele via e tampouco anotar simplesmente as informações sobre as condições atmosféricas de suas observações.

4 A relação dos estudos de céu do pintor com o horizonte e a paisagem foi melhor desenvolvida no livro da autora intitulado *Entre visão e invisão: paisagem, por uma experiência da paisagem no cotidiano*.

Elevação tem essa intenção, aquela de mostrar um espaço vivido cotidianamente, que acreditamos conhecer tão bem, dominar seu contorno, escutar os seus limites. Como para Constable, aqui, a monumentalidade do horizonte só vale se ela for íntima, se acolher o olhar daquele que a contempla. Nesta vídeo-projeção, o céu domina e a faixa de terra mostrada é ínfima, apenas o suficiente para se reconhecer aí um lugar. Sem excesso, apenas um recorte seco, preciso, para que o espaço mostrado condense a paisagem. Como muitos de meus trabalhos, o vídeo é habitado pelo silêncio. Subtrair o ruído é deixar que o som da cidade vivida por cada observador anime o que é visto. O movimento lento da câmera parte do imenso céu rumo ao chão. À medida que a câmera desce, a cidade se eleva.

Considerações finais

Em *Elevação* a paisagem é apresentada como medida e imensidão, num desejo de compreendê-la como um enquadramento do olhar que se abre em um horizonte. Janela do olhar que traça os limites da nossa visão e o contorno dos espaços que nos envolvem. Vasto horizonte, ínfimo contorno. Entre o céu e a terra, a paisagem encontra a sua escala. Paisagem cotidiana e monumental, íntima e longínqua. Nesta ambivalência, o horizonte monumental se revela no tempo: do movimento da câmera que o filma e da cidade que o anima.

Diante disso, podemos nos interrogar se a paisagem mostrada não seria apenas um esboço a ser prolongado pelo trabalho da imaginação, onde as partes veladas devem ser adivinhadas. Na desproporção de tomadas entre céu e terra encontram-se a intimidade e a vastidão. Esse longínquo que insurge e chama, converte os limites do olhar na disjunção que (re)pontua infinitamente o mundo visível, (re)atando outros laços, nos fazendo ver que a paisagem a nossa volta está sempre em constituição, precária e inacabada, e que, finalmente, o limite se converte em horizonte, no ponto de passagem possível entre a paisagem visível e a paisagem imaginada.

Referências bibliográficas

COLLOT, Michel. *L'Horizon fabuleux*. Paris: Corti, 1988.

CORAJOURD, Michel. *Le paysage c'est l'endroit où le ciel et la terre se touchent* in ROGER, Alain (org.) *La théorie du paysage en France, 1974-1994*. Seyssel: Champ Vallon, 1995.

DIAS, Karina. *Entre visão e invisão: Paisagem (por uma experiência da paisagem no cotidiano)*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arte, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, 2010.

JACCOTTET, Philippe. *Sur le seuil in* JACCOTTET, Philippe. *Paysages avec figures absentes*. Paris: Gallimard, 1976, p.40. Tradução livre do francês para o português realizada pela autora.

LASCAULT, Gilbert. *Écrits timides sur le visible*. Paris: armand Colin, 1992, p.26.

WAJCMAN, Gérard. *Fenêtre chronique du regard et de l'intime*. Lagrasse: Éditions du verdier, 2004, p.80.

Minicurrículo

Karina Dias é Professora Adjunta I da Universidade de Brasília – UnB. Possui Pós-Doutorado em Poéticas Contemporâneas (UnB), Doutorado em Artes pela Université Paris I – Panthéon Sorbonne. Trabalha com vídeo e intervenção urbana, expondo no Brasil e no exterior. É autora do livro *Entre visão e invisão: Paisagem [por uma experiência da paisagem no cotidiano]*, editado, em 2010., pelo Programa de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília.